



CONTOS  
MARAVILHOSOS  
EUROPEUS

# A Morte Madrinha, Polegarzinho

e Outros Contos  
de Morte e Redenção

Textos seleccionados, traduzidos e comentados por  
**FRANCISCO VAZ DA SILVA**

**TEMAS E DEBATES**

Círculo de Leitores

# Introdução

**O**S CONTOS DITOS MARAVILHOSOS, ou de fadas, descrevem as tribulações da alma humana como quem fala de outra coisa; talvez por isso, perduram no tempo e passaram das tradições orais de antanho para a literatura, os filmes e a Internet. Através das suas múltiplas variações, estes contos de adversidade e regeneração sugerem que a crise é necessária ao crescimento e que a adversidade fornece alento e inspiração. Os contos maravilhosos são, ontem como hoje, um importante recurso espiritual.

Esta coleção de *Contos Maravilhosos Europeus* propõe-se colocar o universo dos contos maravilhosos ao alcance do grande público, proporcionando conhecimentos especializados de um modo acessível a não especialistas. Os textos apresentados resultam de uma seleção de textos literários e orais, a partir de fontes diversas, em várias línguas. As traduções procuram preservar o ritmo, os recursos lexicais e as estruturas metafóricas dos textos originais. Saliento neste volume, em particular, a tradução inédita da história de Jean l'an Prés — uma divertida adaptação literária

occitana do tema da Morte Madrinha por um certo abade Jean-Baptiste Castor Fabre (1727-1783) —, assim como uma nova tradução de *Polegarzinho*, de Charles Perrault, abordado na perspectiva das tradições orais. Todas as variantes são apresentadas em texto integral, acompanhadas por comentários sucintos visando ajudar a elucidar a narrativa a que se referem. Lidos em sucessão, estes comentários servem também como pistas interpretativas para uma compreensão geral de cada tema. No final de cada volume uma pequena bibliografia selecionada orienta os leitores interessados para outras leituras.

Este volume aborda o tema da Morte enganada, assaz popular no universo dos contos maravilhosos. É um tema sério, mas não sombrio. Neste ciclo de contos perpassa a ideia arcaica de que a fertilidade, a riqueza e a própria vida provêm do mundo dos mortos. Por outro lado, é axiomático neste ciclo de contos que a Morte é um agente indispensável da ordem do mundo. Isto porque o Trespasse personificado não só dispensa saúde e riqueza como também ceifa as vidas, sem distinções de estatuto ou de fortuna. Ainda assim, o assunto destes contos é a tentação de enganar a morte — de adiá-la, ou mesmo de vencê-la. Esta temática central admite diferentes variações, que encetam outras tantas linhas de reflexão.

A primeira variação, apresentada no grupo intitulado A Morte Madrinha, corresponde ao conto que os especialistas classificam como Conto-Tipo 332<sup>1</sup>. Neste enredo, um homem com demasiados filhos convida a Morte para padrinho (ou madrinha) do ultimogénito. A Morte proporciona ao

afilhado (ou ao compadre) uma carreira médica, assegurando-lhe prestígio e riqueza. Mas o protegido da Morte abusa do seu privilégio: salva indevidamente alguém marcado para morrer, dando assim a volta (literalmente, mediante um movimento giratório) ao desígnio da madrinha. Porém, as contas do Trespasse têm de dar certas — quem lhe subtrai uma vida tem de compensá-la com outra. Assim, o protegido da Morte converte-se na vítima desta. Por vezes ele tenta enganar novamente a Morte, aprisionando-a. Mas a suspensão dos óbitos traz o caos ao mundo e há que libertar a Morte para repor a ordem das coisas.

A associação entre a Morte e a boa ordem do mundo é desenvolvida no segundo grupo de contos, correspondente ao Conto-Tipo 330, a que chamo Tia Miséria e João Bateiro. Aqui a Miséria personificada aprisiona a Morte e só aceita libertá-la a troco da sua própria imunidade, o que explica a persistência daquele flagelo no mundo. É graças a Jesus ou a São Pedro que a Miséria consegue enganar a Morte — e, portanto, perpetuar-se para sempre —, o que evidencia uma noção surpreendente. Estes contos apresentam a Morte como inerentemente justa, mas associam Nosso Senhor e os santos às injustiças e irregularidades do mundo. Segundo outras variantes, São Pedro e/ou Nosso Senhor conferem a um homem caridoso dons que ele usa para se comprazer numa vida de pecado. E quando a Morte (ou um diabo) vem buscar o pecador bondoso, este usa o dom celeste para ganhar indevidamente um lugar no Céu. Na cadeia das variações, o motivo do jogador que enriquece pela batota dá insensivelmente lugar ao tema faustiano do ferreiro

que vende a alma ao Diabo e usa depois a batota para, com a complacência divina, aceder ao Céu. A ideia subjacente é algo como isto: a Criação é imperfeita e portanto Deus tem de escrever direito por linhas tortas, enquanto a Morte — soturna obreira — assegura a regularidade do mundo.

A terceira variação comporta o bem conhecido tema de Polegarzinho (classificado como Conto-Tipo 327B). Também aqui se lida com o tema da morte ludibriada. Mas deparamos agora com crianças nascidas em excesso — portanto, sem lugar no mundo dos vivos — enviadas ao encontro da Morte na floresta. Aí os petizes enganam um ogre, lobisomem ou bruxa e obtêm desta personificação da Morte os meios para regressar a casa dos pais. Este grupo narra as desventuras de crianças que, enganando a Morte, obtêm no Outro Mundo as condições que lhes permitem vingar doravante no mundo dos vivos. A inclusão de uma variante russa neste grupo permite vislumbrar as longínquas raízes míticas do tema, popularizado por Perrault, de irmãos que escapam à morte fazendo-se substituir por um grupo de irmãs numa cama.

Esta breve sinopse basta, para já, no sentido de orientar a leitura desta temática tradicional. De resto, os textos falam por si. Os comentários apensos a cada variante prolongam este esboço de reflexão.

## NOTAS

<sup>1</sup> Hans-Jörg Uther, *The Types of International Folktales: A Classification and Bibliography, Based on the System of Antti Aarne and Stith Thompson* (Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2004), 3 vols.





# A Morte Madrinha



# O Padrinho Morte

PELOS IRMÃOS GRIMM

**U**M POBRE HOMEM TINHA DOZE FILHOS e noite e dia trabalhava apenas para lhes conseguir pôr pão na boca. Quando nasceu o décimo terceiro filho, não sabendo mais o que fazer, correu para o caminho principal resolvido a pedir ao primeiro homem que passasse para ser padrinho. O primeiro a aparecer foi o bom Deus, que sabia bem o que lhe atormentava o coração e lhe disse: «Pobre homem, tenho pena de ti. Segurarei no teu filho durante o batismo, cuidarei dele e farei com que seja feliz na Terra.» O homem perguntou: «Quem és tu?» «Sou o bom Deus.» «Então não te quero como padrinho», disse o homem. «Tu dás aos ricos e deixas os pobres à fome.» Assim falou o homem, pois não sabia o quão sabiamente Deus divide a riqueza e a pobreza. E virou costas ao Senhor e seguiu caminho. Então o Diabo foi ter com ele e disse-lhe: «O que procuras? Se me aceitares como padrinho do teu filho, ele terá ouro em abundância e todos os prazeres do mundo.» O homem perguntou: «Quem és tu?» «Sou o Diabo.» «Então

não te quero como padrinho», respondeu o homem. «Tu enganas e seduzes os homens.» Seguiu caminho e a enfezada da Morte foi ao seu encontro e disse-lhe: «Toma-me como madrinha.» O homem perguntou: «Quem és tu?» «Sou a Morte, que torna iguais todos os homens.» E o homem respondeu: «És tu a certa. Tratas os ricos e os pobres sem fazer diferença. Serás tu a madrinha.» A Morte respondeu: «Farei do teu filho um homem rico e famoso, pois quem me tem como amiga não tem falta de nada.» O homem disse: «O batizado é no próximo domingo. Está lá à hora certa.» Como prometido, a Morte apareceu e tornou-se madrinha.

Quando o rapaz cresceu, a madrinha apareceu-lhe um dia e disse para ir com ela. Levou-o para a floresta, mostrou-lhe uma erva que lá crescia e disse: «Vais receber agora o presente da tua madrinha. Farei de ti um médico famoso. Aparecer-te-ei sempre que fores chamado a atender um doente. Se me puser à sua cabeceira, poderás assegurá-lo de que o curarás. Dás-lhe desta erva e ele ficará bom. Se me puser aos pés do doente, é porque ele me pertence. Dir-lhe-ás que não há nada a fazer nem há médico algum neste mundo que o consiga salvar. Mas livra-te de usar a erva contra a minha vontade ou sair-te-á caro!» Não levou muito até que o jovem se tornasse no médico mais famoso do mundo. «Basta-lhe olhar para um doente e sabe logo o que se passa, se tem cura ou vai morrer», diziam dele. E dos quatro cantos do mundo vinha gente à sua procura, conduziam-no aos doentes e tanto ouro lhe ofereciam que em breve ele era um homem rico. Ora aconteceu que o rei ficou doente. Chamaram o médico para ele dizer se havia salvação possível. Mas,

quando ele se aproximou do leito, a Morte estava aos pés da cama e não havia erva que lhe valesse. «Se por uma vez eu enganasse a Morte», pensou o médico, «ela levar-me-ia a mal. Mas eu sou o seu afilhado, ela fechará um olho à coisa de certeza. Vou arriscar.» Assim, alçou o paciente e deitou-o ao contrário na cama, pelo que a Morte estava agora à sua cabeceira. Depois deu-lhe daquela erva e o rei recuperou e ficou bom. Mas a Morte foi ter com o médico, deitou-lhe um olhar maligno e sinistro e, ameaçando-o com o dedo, disse: «Enganaste-me. Deixarei passar desta vez porque és meu afilhado, mas atreve-te a repeti-lo e és tu quem virá comigo.»

Pouco tempo depois, a filha do rei foi acometida de uma doença grave. Era a sua única filha e o rei chorou dia e noite até os olhos cegarem, e fez saber que quem a salvasse casaria com ela e herdaria a coroa. O médico, aproximando-se do leito da doente, viu a Morte a seus pés. Ele deveria ter-se lembrado do aviso da madrinha, mas a grande formosura da princesa e a vontade de casar com ela tanto o seduziram que ele deitou tais pensamentos ao vento. Não viu que a Morte lhe lançava olhares de cólera, levantava a mão e o ameaçava com o seu punho enfezado. Ele ergueu a doente e deitou a cabeça dela onde antes ficavam os pés. Depois deu-lhe a tomar da erva e logo ela se reanimou.

A Morte, sentindo-se enganada pela segunda vez, foi ter com o médico a grandes passadas e disse: «Acabou-se. Agora é a tua vez.» E com tanta força o agarrou com a sua mão gélida que ele não pôde oferecer resistência e ela levou-o para uma caverna subterrânea. Ele viu milhares e milhares

de velas que ardiam em filas inumeráveis, algumas grandes, outras médias, outras pequenas. A cada instante se apagavam umas e se reacendiam outras, e as chamazinhas pareciam estar em perpétuo movimento. «Estás a ver», disse a Morte, «estas velas são as luzes da vida dos homens. As altas são as das crianças, as médias as dos casais nos seus melhores anos, as pequenas as dos anciãos. Mas muitas vezes as crianças e os jovens também têm só uma velinha pequena.» «Mostra-me a luz da minha vida», disse o médico, julgando que seria ainda muito grande. A Morte apontou para um pequeno coto que ameaçava extinguir-se e disse: «Olha, aqui está ela.» «Ai, querida madrinha», disse o médico apavorado, «acende-me uma nova vela, fá-lo por mim. Para eu poder gozar a vida, ser rei e marido da bela princesa.» «Não posso», respondeu a Morte. «Antes de nova vela se acender, outra tem de se apagar primeiro.» «Então põe a luz velha em cima de uma nova para que continue a arder quando a outra chegar ao fim», pediu o médico. A Morte fez como se pretendesse atender ao seu pedido e pegou numa vela alta e nova. Mas como se queria vingar, enganou-se de propósito a manuseá-la e o pequeno coto caiu e apagou-se. De imediato o médico caiu por terra e ficou nas mãos da Morte<sup>1</sup>.

## COMENTÁRIO

Os irmãos Grimm construíram este texto com uma variante da região de Hesse a que adicionaram detalhes provindos de outras variantes. O texto contém os principais elementos característicos de A Morte Madrinha e permite inferir alguns outros. É pois adequado a um primeiro contacto com este tema.

É típica a situação inicial de um casal com demasiados filhos que, não conseguindo encontrar padrinhos para as crianças excedentes, tem de recorrer a padrinhos sobrenaturais. O pai, embora desesperado, rejeita Cristo por este ter responsabilidade nas injustiças no mundo; e não quer o Diabo, por este seduzir as almas. Aceita, sim, a Morte, que a todos trata por igual.

O padrinho Morte («morte», *der Tod*, é masculino em alemão) vota o seu protegido à riqueza, conferindo-lhe o poder de restaurar a vida, mas proíbe-o de alterar o destino dos doentes condenados a morrer. Portanto, o herói deve ver o quadrante em que a Morte se situa em relação ao doente e, consoante o caso, agir terapêuticamente ou declará-lo incurável. Nesta variante a Morte é letal se estiver aos pés do doente e manifesta a sua benevolência se estiver à cabeceira. Estas posições manifestam o eixo em que se dá o ciclo da vida e da morte — um bebé vem ao mundo de cabeça, um cadáver é levado à sepultura de pés para a frente; por isso se diz de um doente terminal que «está com os pés para a cova». Por outro lado, assumindo um ponto de vista diferente, várias variantes orais afirmam que a Morte é letal quando se apresenta à cabeceira. Esta perspectiva reflete a noção popular de que a morte ataca a cabeça, manifesta por exemplo na expressão «pena capital» (veja-se o comentário à *História de Jean l'an Prés*, à frente).

Para compreender a razão pela qual o afilhado não deve subverter os decretos da Morte, é útil considerar a imagem mítica da cave onde

tremeluzem milhares de velas, que representam as vidas das pessoas. Cada sopro vital é uma chama e cada vida é um pavio. A Morte gere o conjunto dos destinos individuais, apagando as velas que chegaram ao fim e acendendo novas velas — isto é, a Morte é responsável pelas mortes e pelos nascimentos. E a regra básica de que só se pode acender uma vela nova depois de uma outra vela se ter extinguido supõe a ideia de que há globalmente uma quantidade fixa de força vital, que não pode ser acrescida mas apenas reciclada. Nestes termos, uma nova vela é o reluzir de uma vela gasta. Conceder tempo extra de vida a alguém implica, pois, ceder a própria vela (a própria vida) e assumir o coto extinto de quem é salvo. Por isso o herói tem de morrer.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Reproduzido (com adaptação do título) a partir de Irmãos Grimm, *Contos da Infância e do Lar*, tradução de Teresa Aica Bairos (Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2012), vol. 1.